

NEIL
GAIMAN



COISAS
FRÁGEIS

BREVES FICÇÕES E MARAVILHAS

TRADUÇÃO DE LEONARDO ALVES





NEIL
GAIMAN

COISAS
FRÁGEIS

BREVES FICÇÕES E MARAVILHAS

Tradução de Leonardo Alves



Copyright © 2006 by Neil Gaiman

A ilustração da p. 5 foi retirada da tira “Little Nemo in Slumberland”, de Winsor McCay, publicada no jornal *The New York Herald*, em 29 de setembro de 1907.

As páginas 329-332 são uma extensão desta página de créditos.

Não é permitida a exportação desta edição para Portugal, Angola e Moçambique.

TÍTULO ORIGINAL

Fragile Things: short fictions and wonders

PREPARAÇÃO

Isadora Prospero
Marluce Faria

REVISÃO

Ulisses Teixeira
Pedro Faria
Anna Clara Gonçalves

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

© Houston Trueblood

ADAPTAÇÃO DE CAPA, LETTERING E ILUSTRAÇÃO DA PÁGINA 1

Antonio Rhoden

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G134c

Gaiman, Neil, 1960-

Coisas frágeis : breves ficções e maravilhas / Neil Gaiman ; tradução
Leonardo Alves. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2023.
336 p. ; 23 cm.

Tradução de: Fragile things
ISBN 978-65-5560-395-8

1. Ficção inglesa. I. Alves, Leonardo. II. Título.

22-80826

CDD: 823

CDU: 82-3(410.1)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

[2023]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303

22640-904 – Barra da Tijuca

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

IH IP IG
UNG GIG
GUMPLE

ESSAS PESSOAS
DEVIAM SABER
QUEM SOMOS
E AVISAR QUE
ESTAMOS AQUI.



A Ray Bradbury e Harlan Ellison,
e ao saudoso Robert Sheckley,
mestres do ofício.

SUMÁRIO

Introdução	11
Um estudo em esmeralda	29
Ril das fadas	51
Outubro na cadeira	53
A câmara oculta	67
As noivas proibidas dos demônios desfigurados da mansão secreta na noite do desejo sinistro	69
As pedras na estrada da memória	83
Hora de fechar	87
Mateiro	99
Amargor	101
Outras pessoas	119
Lembrancinhas e tesouros	123
Grandes Baixistas Devem Fazer Assim	139
A verdade sobre o desaparecimento da srta. Finch	145
Menininhas estranhas	161
Arlequim apaixonado	167
Cachinhos	177
O problema de Susana	181
Instruções	189
O que você acha que eu sinto?	193
Minha vida	201
Quinze cartas pintadas de um tarô vampiro	205
Comidas e comedores	213
Crupe do adoentador	221
No fim	225
Golias	227
Páginas de um diário encontrado numa caixa de sapatos largada num ônibus em algum ponto entre Tulsa, Oklahoma, e Louisville, Kentucky	239

Como falar com garotas em festas	243
O dia em que vieram os discos voadores	257
Ave-solar	259
A invenção de Aladim	279
O monarca do vale	283
Créditos	329

INTRODUÇÃO

“EU ACHO... QUE prefiro me lembrar de uma vida desperdiçada com coisas frágeis a uma vida poupada de dívidas morais.” Essas palavras me ocorreram em um sonho e as anotei assim que acordei, sem saber o que significavam ou a quem se referiam.

Minha intenção original para este livro de histórias e imaginações, uns oito anos atrás, era criar uma coletânea de contos com o título *Essas pessoas deviam saber quem somos e avisar que estamos aqui*, inspirado na fala de uma tira dominical de *Little Nemo* (hoje, é possível ver uma linda reprodução a cores desse quadrinho no livro *A sombra das torres ausentes*, de Art Spiegelman), e cada história seria contada por um dentre diversos narradores suspeitos e nada confiáveis, que explicariam suas vidas, nos diriam quem eram e contariam que, em algum momento, também estiveram aqui. Uma dúzia de pessoas, uma dúzia de contos.

A ideia era essa, mas aí a vida real entrou no caminho e bagunçou tudo. Comecei a escrever os contos que você encontrará neste livro, e eles foram tomando a forma que precisavam; enquanto algumas histórias eram fragmentos de vida relatados em primeira pessoa, outras simplesmente não eram. Uma se recusou a ganhar corpo até eu entregar a narração aos meses do ano, e outra fazia coisas pequenas e eficientes com a identidade, exigindo que fosse contada em terceira pessoa.

Com o tempo, comecei a reunir o material deste livro, tentando decidir como chamá-lo, já que o título anterior não parecia mais adequado. Foi nesse momento que saiu o álbum *As Smart as We Are*, do One Ring Zero, e os ouvi cantar os versos que tinha resgatado de um sonho, e fiquei me perguntando o que exatamente eu queria dizer com “coisas frágeis”.

Parecia um ótimo título para um livro de contos. Afinal, existem tantas coisas frágeis. As pessoas se despedaçam com muita facilidade, assim como sonhos e corações.

“Um estudo em esmeralda”

Esse conto foi escrito para *Shadows Over Baker Street*, antologia que meu amigo Michael Reaves organizou com John Pelan. A pauta de Michael foi: “Quero uma história em que Sherlock Holmes encontre o mundo de H. P. Lovecraft.” Aceitei escrever o conto, mas desconfiava que havia algo profundamente infrutífero na premissa: o mundo de Sherlock Holmes é absolutamente racional e celebra soluções, enquanto a ficção de Lovecraft é absolutamente irracional e vê os mistérios como cruciais para preservar a sanidade do ser humano. Se eu pretendia contar uma história que combinasse esses dois elementos, precisaria fazê-lo de um jeito interessante que respeitasse tanto Lovecraft quanto as criações de Sir Arthur Conan Doyle.

Quando garoto, eu adorava as histórias de Wold Newton escritas por Philip José Farmer, em que dezenas de personagens da ficção são transportadas para um mundo coeso, e gostei muito de ver meus amigos Kim Newman e Alan Moore desenvolverem seus próprios mundos descendentes de Wold Newton nas séries *Anno Dracula* e *A liga extraordinária*, respectivamente. Parecia divertido. Fiquei pensando se eu poderia tentar algo nessa linha.

Os ingredientes da história que eu tinha na cabeça se combinaram de uma maneira melhor do que a esperada. (Escrever é bem parecido com cozinhar. Às vezes, o bolo sola, independentemente do que você faça, e de vez em quando o bolo sai mais gostoso do que você poderia imaginar.)

“Um estudo em esmeralda” ganhou o Prêmio Hugo em agosto de 2004, na categoria Melhor Conto, algo que ainda hoje me enche de orgulho. E também contribuiu, no ano seguinte, para minha misteriosa inclusão no grupo Baker Street Irregulars.

“Ril das fadas”

Não é lá um grande poema, mas é imensamente divertido de ler em voz alta.

“Outubro na cadeira”

Escrito para Peter Straub, para a notável edição de *Conjunctions* que ele foi convidado a organizar. As origens do texto remontam a uma convenção em Madison, Wisconsin, alguns anos antes, quando Harlan Ellison

me chamou para colaborar com ele em um conto. Estávamos atrás de um cordão de isolamento, Harlan com sua máquina de escrever, eu com meu laptop. Mas, antes que pudéssemos começar, Harlan precisava terminar uma introdução, por isso comecei o conto e mostrei para ele. “Não. Parece um conto de Neil Gaiman”, sentenciou. (Então, deixei aquela história de lado e comecei outra, que Harlan e eu estamos escrevendo desde então. Por mais bizarro que pareça, sempre que a gente se encontra para trabalhar na obra, o texto encolhe.) Assim, fiquei com um pedaço de conto guardado no meu HD. Peter me convidou para *Conjunctions* alguns anos depois. Eu queria criar uma história sobre um menino morto e um vivo, uma preparação para um livro infantojuvenil que tinha decidido escrever (o título é *O livro do cemitério*, que estou escrevendo agora). Levei um tempinho para descobrir o funcionamento da história e, quando ela ficou pronta, dediquei-a a Ray Bradbury, que a teria escrito muito melhor que eu.

Ela ganhou o Prêmio Locus de 2003 na categoria Melhor Conto.

“A câmara oculta”

Começou com um pedido de duas editoras, Nancys Kilpatrick e Holder, para eu escrever algo “gótico” para a antologia *Outsiders*. Acho que a história de Barba-Azul, com suas variantes, é a mais gótica de todos os tempos, então escrevi um poema sobre Barba-Azul ambientado na casa quase vazia onde eu estava hospedado na época. *Perturbante* é o que Humpty Dumpty chamava de “palavra-valise”, ocupando o território entre *perturbador* e *preocupante*.

“As noivas proibidas dos demônios desfigurados da mansão secreta na noite do desejo sinistro”

Comecei a escrever esse conto a lápis, em uma noite de inverno com vento forte, na sala de espera entre as plataformas cinco e seis da estação ferroviária de East Croydon. Eu tinha vinte e dois anos, quase vinte e três. Quando acabei, digitei o texto e mostrei para dois editores que eu conhecia. Um bufou, disse que não era a praia dele e tinha sérias dúvidas de que seria a praia de alguém, e o outro leu, me lançou um olhar de pena e o devolveu, explicando que aquilo jamais seria publicado porque era uma

frivolidade sem sentido. Guardei o conto, feliz por ter sido poupado do constrangimento público de mais gente ler e detestar.

O texto continuou sem ser lido, perambulando da pasta para a caixa, então para uma banheira, do escritório para o porão e o sótão, por mais vinte anos. Sempre que pensava nele, era só com o alívio por não ter sido publicado. Um dia, me pediram um conto para uma antologia chamada *Gothic!*, e me lembrei do original no sótão, então fui atrás dele para ver se conseguia salvar alguma coisa.

Comecei a ler “As noivas proibidas” e sorri. Na verdade, resolvi que era, *sim*, bem engraçado, e inteligente também; um bom conto — os descuidos eram, na maior parte, o tipo de coisa que acontece por falta de experiência, e todos pareciam fáceis de consertar. Peguei o computador e fiz uma versão nova do conto, vinte anos depois da primeira, abreviei o título para a forma atual, e mandei para a editora. Pelo menos um parecerista achou que era uma frivolidade sem sentido, mas aparentemente ele era minoria, já que “As noivas proibidas” foi selecionado para algumas antologias de “melhores do ano” e ganhou o Prêmio Locus de 2005 na categoria Melhor Conto.

Não sei o que podemos aprender com isso. Às vezes, você só mostra certas histórias para as pessoas erradas, e ninguém vai gostar de tudo. De tempos em tempos, eu me pergunto o que mais está à espera nas caixas do sótão.

“Grandes baixistas devem fazer assim” e “As pedras na estrada da memória”

Um conto foi inspirado por uma estátua de Lisa Snellings-Clark, na qual um homem segura um contrabaixo, assim como eu fazia quando criança; o outro escrevi para uma antologia de histórias reais sobre fantasmas. A maioria dos autores dessa antologia apresentou histórias bem mais satisfatórias, mas a minha tinha a vantagem nada satisfatória de ser totalmente verdadeira. Esses contos apareceram juntos pela primeira vez em *Adventures in the Dream Trade*, uma miscelânea publicada pela NESFA Press em 2002, que reunia diversas introduções, rebarbas textuais e afins.

“Hora de fechar”

Michael Chabon estava organizando um livro com contos de diferentes gêneros, a fim de demonstrar que histórias são divertidas e de levantar

dinheiro para a 826 Valencia, que ajuda crianças a escreverem. (O livro foi publicado com o título *McSweeney's Mammoth Treasury of Thrilling Tales*.) Ele me pediu um conto, e perguntei se tinha algum gênero faltando. Tinha: uma história de fantasmas no estilo M. R. James.

Então tratei de escrever uma clássica história de fantasmas, mas o conto tem muito mais a ver com meu amor pelas “histórias estranhas” de Robert Aickman do que com James (porém, quando ficou pronto, também acabou virando uma narrativa-moldura no estilo “club story”, juntando assim dois gêneros pelo preço de um). O conto foi selecionado por algumas antologias de “melhores do ano” e ganhou o Prêmio Locus de Melhor Conto em 2004.

Todos os lugares nesse conto existem de verdade, embora eu tenha trocado alguns nomes — o Diogenes Club, por exemplo, era o Troy Club de Hanway Street. Alguns dos personagens e acontecimentos também são reais, mais até do que poderíamos imaginar. Agora que escrevo isso, fico me perguntando se aquela casinha de brinquedo ainda existe, ou se a demoliram e construíram casas no mesmo terreno, mas confesso que não tenho vontade de ir até lá para investigar.

“Mateiro”

Mateiro é aquele que vive ou tem grande familiaridade com a mata. Esse poema foi escrito para a antologia *The Green Man*, de Terri Windling e Ellen Datlow.

“Amargor”

Escrevi quatro contos em 2002, e esse, acredito, foi o melhor, mas não ganhou prêmio nenhum. Fez parte da antologia *Mojo: Conjure Stories*, da minha amiga Nalo Hopkinson.

“Outras pessoas”

Não lembro o momento do dia ou onde eu estava quando pensei nesse continho *à la* Möbius. Lembro que anotei a ideia e a primeira frase, depois fiquei na dúvida se era original — será que eu estava puxando da memória uma história que tinha lido quando era pequeno, algo de Fredric Brown

ou Henry Kuttner? Parecia uma história de outra pessoa, uma ideia elegante, sofisticada e completa demais, então fiquei desconfiado.

Mais ou menos um ano depois, entediado em um voo, topei com minhas anotações sobre esse conto. Como tinha acabado a revista que estava lendo, resolvi escrevê-lo de uma vez — o conto ficou pronto antes de o avião pousar. Mais tarde, liguei para alguns amigos eruditos e o li para eles, perguntando se achavam a história familiar, se já a tinham visto antes. Eles disseram que não. Normalmente, escrevo contos por encomenda, mas, pela primeira vez na vida, tinha um conto que ninguém estava esperando. Mandei para Gordon van Gelder, da *Magazine of Fantasy and Science Fiction*, ele aceitou e mudou o título, o que não era um problema para mim. (O original era “Pós-vida”.)

Escrevo muito durante viagens de avião. Quando comecei *Deuses americanos*, escrevi um conto em um voo para Nova York certo de que seria incluído na trama do livro, mas nunca achei um lugar onde ele quisesse entrar. Depois de algum tempo, quando o livro ficou pronto e a história não foi inserida, transformei-a em um cartão de Natal, mandei para as pessoas, e esqueci que ela existia. Alguns anos depois, a Hill House Press, que publica edições limitadas extremamente legais dos meus livros, mandou-a para os assinantes, também como um cartão de Natal.

Ela nunca teve título. Vamos chamá-la de:

O CARTÓGRAFO

A melhor maneira de descrever uma história é contando-a. Entendeu? Para descrever uma história, seja para si próprio ou para o mundo, nós contamos a história. É um jogo de equilíbrio e é um sonho. Quanto mais preciso for o mapa, mais ele se parece com o território. O mapa mais preciso possível seria o território, e assim ele seria perfeitamente preciso e perfeitamente inútil.

A história é o mapa que é o território.

Lembre-se disso.

Havia um imperador na China, há quase dois mil anos, que ficou obcecado com a ideia de mapear a terra sob seu poder. Ele mandou recriarem a China em miniatura numa ilha que construía a custo de muitos recursos e, por acaso, de algumas vidas (pois as águas eram profundas e frias) em

um lago nas propriedades imperiais. Nessa ilha, cada montanha se tornou um montículo de terra, e cada rio, um pequeno fio d'água. O imperador levava meia hora para contornar o perímetro da ilha.

Todos os dias de manhã, à luz fraca logo antes da alvorada, cem homens nadavam até a ilha para consertar e reconstruir cuidadosamente qualquer detalhe da paisagem que tivesse sido danificado pelas intempéries ou pelas aves silvestres, ou que tivesse sido engolido pelo lago; removiam e remodelavam qualquer parte das terras imperiais que haviam sido de fato danificadas por enchentes, terremotos ou deslizamentos de terra, na tentativa de refletir o mundo como era.

O imperador ficou satisfeito com isso por quase um ano, então passou a sentir um incômodo crescente em relação a sua ilha. Assim, antes de dormir, começou a planejar outro mapa, com exatamente um centésimo do tamanho de seus domínios. Cada cabana, casa e salão, cada árvore, colina e animal, seriam reproduzidos em uma escala de um para cem.

Era um plano grandioso, e sua realização consumiria a totalidade do tesouro imperial. Exigiria mais homens do que a mente é capaz de conceber, homens para mapear e homens para medir, agrimensores, recenseadores, pintores; exigiria modeladores, ceramistas, construtores e artesãos. Seriam necessários seiscentos sonhadores profissionais para revelar a natureza de tudo o que se ocultava sob as raízes das árvores, nas cavernas mais remotas das montanhas e nas profundezas do mar, pois, para que fizesse sentido, o mapa precisaria conter tanto o império visível quanto o invisível.

Esse era o plano do imperador.

Certa noite, em uma caminhada pelos jardins do palácio, sob uma imensa lua dourada, seu ministro de confiança tentou contra-argumentar:

— Vossa Majestade Imperial deve saber — disse o ministro de confiança — que o que pretende é...

E, ao lhe faltar coragem, se calou. Uma carpa pálida rompeu a superfície da água, estilhaçando o reflexo da lua dourada em uma dança de cem fragmentos, cada um se tornando uma pequena lua. Então as luas convergiram em um único círculo de luz refletida, pairando dourada na água da cor do céu noturno, que era de um roxo tão intenso que jamais poderia ser tomado por preto.

— Impossível? — perguntou o imperador, com um tom brando.

Quando se trata de imperadores e reis, os momentos de brandura são os mais perigosos.

— Nenhum desejo do imperador poderia ser impossível — respondeu o ministro de confiança. — Contudo, custará caro. Vossa Majestade esgotará o tesouro imperial para produzir esse mapa. Esvaziará cidades e fazendas para ter onde instalá-lo. Deixará um país que seus herdeiros serão pobres demais para governar. Na condição de conselheiro, seria omissão de minha parte não fazer um alerta.

— Talvez tenha razão — disse o imperador. — Talvez. Mas, se eu seguir seu conselho e desistir do meu mundo de mapa, se não o consumir, ele assombrará minha existência e minha mente, arruinando o sabor da comida em minha língua e do vinho em minha boca.

Então se calou. Ao longe, nos jardins, se ouvia o canto de um rouxinol.

— Mas essa terra de mapa — confidenciou o imperador — ainda é apenas o começo. Pois, enquanto estiver sendo construída, eu me dedicarei ao planejamento de minha obra-prima.

— E o que seria? — perguntou o ministro de confiança, com um tom moderado.

— Um mapa dos Domínios Imperiais — disse o imperador —, em que cada casa será representada por uma casa em tamanho real, cada montanha será ilustrada por uma montanha, cada árvore, por uma árvore do mesmo tipo e tamanho, cada rio por um rio, e cada homem por um homem.

O ministro de confiança fez uma reverência profunda sob o luar, e voltou ao Palácio Imperial imerso em pensamentos, caminhando respeitosamente alguns passos atrás do imperador.

Consta que o imperador faleceu durante o sono, o que é verdade até certo ponto — embora caiba destacar que sua morte não foi totalmente espontânea; e que seu filho mais velho, que assumiu seu trono, nutria pouco interesse por mapas e cartografia.

A ilha no lago virou um santuário para aves silvestres e aquáticas, sem homem algum que as espantasse. Elas bicaram as pequenas montanhas de lama para construir seus ninhos, e o lago erodiu a orla da ilha, e, com o tempo, ela foi completamente esquecida, restando apenas o lago.

O mapa sumiu, assim como o cartógrafo, mas a terra sobreviveu.

“Lembrancinhas e tesouros”

Esse conto, com o subtítulo “Uma história de amor”, nasceu — ao menos em parte —, como uma história em quadrinhos escrita para *It's Dark in*

London, uma coletânea *noir* organizada por Oscar Zarate e ilustrada por Warren Pleece. Warren fez um trabalho excelente, mas não fiquei satisfeito, e me perguntei o que havia levado o homem que se chamava Smith a ser o que era. Al Sarrantonio me pediu um conto para a antologia *999*, e decidi que seria interessante revisitar Smith, sr. Alice e sua história. Eles também aparecem em outro conto da coletânea.

Acho que ainda há outras tramas a serem contadas sobre o desagradável sr. Smith, sobretudo aquela em que ele e o sr. Alice seguem cada um o próprio rumo.

“A verdade sobre o desaparecimento da srta. Finch”

Esse conto surgiu quando me mostraram uma pintura de Frank Frazetta em que uma mulher selvagem era cercada por tigres e me pediram uma narrativa para acompanhá-la. Não consegui pensar em uma história, então resolvi dizer o que aconteceu com a srta. Finch.

“Meninhas estranhas”

...é, na verdade, um conjunto de doze contos bem curtos, escritos para acompanhar o álbum *Strange Little Girls*, de Tori Amos. Inspirada por Cindy Sherman e pelas próprias canções, Tori criou uma persona para cada uma das músicas, e escrevi um conto para cada persona. Eles nunca foram incluídos em uma coletânea, embora tenham sido publicados no livro da turnê e frases dos contos apareçam espalhadas pelo encarte do CD.

“Arlequim apaixonado”

Lisa Snellings-Clark é uma artista e escultora cujo trabalho admiro há anos. O livro *Strange Attraction* foi baseado em uma roda-gigante feita por Lisa; alguns ótimos escritores escreveram contos sobre os passageiros das cabines. Vieram me perguntar se eu escreveria uma história sobre o vendedor da bilheteria, um arlequim sorridente.

Então escrevi.

De modo geral, contos não se escrevem sozinhos, mas, nesse caso, só me lembro de pensar na primeira frase. Depois disso, foi como se o

Arlequim alegremente me descrevesse, dançante e trôpego, seu Dia dos Namorados.

Arlequim era a figura ardilosa da *commedia dell'arte*, um pregador de peças invisível que usava máscara, andava com um bastão mágico e usava um traje estampado de losangos. Ele amava Colombina e a perseguia em cada espetáculo, enfrentando figuras clichês como o médico e o palhaço, e transformando cada pessoa que encontrava pelo caminho.

“Cachinhos”

“Cachinhos Dourados e os três ursos” era uma história do poeta Robert Southey. Ou melhor, não era — na versão dele, uma velha encontrava os três ursos. O formato e os acontecimentos eram os mesmos, mas as pessoas sabiam que a história deveria ser sobre uma menininha, não uma idosa, então a inseriam na narrativa ao recontá-la.

É claro que contos de fadas são transmissíveis. Podemos pegá-los como uma doença, ou eles podem nos contagiar. São a moeda de troca que usamos com as pessoas que andaram pelo mundo antes mesmo de existirmos. (Quando conto para meus filhos histórias que ouvi dos meus pais e avós, me sinto parte de algo especial e peculiar, parte do próprio fluxo contínuo da vida.) Quando escrevi esse conto para minha filha Maddy, ela tinha dois anos, hoje tem onze. Ainda compartilhamos histórias, mas agora elas estão na televisão ou no cinema. Lemos os mesmos livros e conversamos sobre eles, mas já não sou eu que leio para ela, e até isso era um substituto insuficiente para o ato de contar histórias que saíam da minha cabeça.

Acredito que contar histórias é uma obrigação nossa para com os outros. Não tenho, e desconfio que jamais terei, outro pensamento que se aproxime mais de uma *crença*.

“O problema de Susana”

O médico chamado pelo hotel me disse que meu pescoço estava doendo tanto, a ponto de causar vômitos e desorientação, por causa de uma gripe, então começou a listar analgésicos e relaxantes musculares que poderiam ser bons para mim. Escolhi um analgésico da lista e voltei cambaleante para o quarto, onde desmaiei, incapaz de me mexer, pensar ou levantar a cabeça. No terceiro dia, meu próprio médico me ligou, avisado pela minha

assistente, Lorraine, e conversou comigo. “Não gosto de dar diagnósticos pelo telefone, mas você está com meningite”, disse ele. E era verdade, eu estava.

Levei alguns meses até pensar com a clareza necessária para escrever, e essa foi a primeira obra de ficção que tentei produzir após meu retorno. Era como se eu estivesse reaprendendo a andar. Escrevi esse conto para *Flights*, de Al Sarrantonio, uma antologia de histórias de fantasia.

Li os livros de *As Crônicas de Nárnia* centenas de vezes quando era menino, e duas vezes, em voz alta, para meus filhos. Os livros têm muita coisa que adoro, mas, a cada leitura, achava o descarte de Susana extremamente problemático e profundamente irritante. Acho que queria escrever uma história igualmente problemática e irritante, ainda que de um jeito diferente, e falar do poder impressionante da literatura infantil.

“Instruções”

Embora eu tenha incluído alguns poemas em *Fumaça e espelhos*, minha última coletânea, o plano original era que esta coletânea fosse só de prosa. Acabei decidindo colocar os poemas mesmo assim, principalmente porque gosto muito desse. Então, se você não gosta de poemas, console-se com o fato de que tanto eles quanto esta introdução são gratuitos. O livro custaria a mesma coisa com ou sem eles, e ninguém me paga a mais por incluí-los. Às vezes, é bom ter algo curto para pegar, ler e guardar de volta, assim como pode ser interessante conhecer um pouco o contexto de uma história, ainda que você tampouco precise saber sobre ele. (E, embora eu tenha passado semanas em uma alegre agonia quanto à ordem desta coletânea, decidindo qual seria a melhor forma de moldá-la e organizá-la, você pode — e deve — ler do jeito que bem entender.)

Esse poema é, literalmente, um conjunto de instruções para o que fazer quando você se encontra em um conto de fadas.

“O que você acha que eu sinto?”

Pediram que eu escrevesse um conto para uma antologia sobre gárgulas, e, chegando ao fim do prazo, ainda estava um tanto sem ideias.

Ocorreu-me que gárgulas eram instaladas em igrejas e catedrais para protegê-las. Fiquei pensando se seria possível instalar uma gárgula para proteger outro lugar. Como, por exemplo, um coração...

Acabei de reler esse conto, depois de oito anos, e fiquei um pouco surpreso com o sexo, mas provavelmente é só uma insatisfação geral com a história.

“Minha vida”

Esse breve e peculiar monólogo foi escrito para acompanhar a foto de um fantoche de macaco em um livro com duzentas fotos de fantoches de macaco. Seu título, não por acaso, era *Sock Monkeys* [Fantoches de macaco], do fotógrafo Arne Svenson. Na foto que recebi, o fantoche de macaco parecia ter tido uma vida difícil, mas interessante.

Uma velha amiga tinha começado a escrever para a *Weekly World News*, e eu me divertia muito inventando histórias para ela usar. Ficava imaginando se existia, em algum lugar, alguém com uma vida no estilo da *Weekly World News*. Em *Sock Monkeys*, a história saiu em forma de prosa, mas gosto mais dela com as quebras de linha. Não tenho a menor dúvida de que, havendo álcool suficiente e um ouvido disposto, ela poderia seguir eternamente. (De vez em quando, pessoas perguntam em meu site se me incomodaria que usassem esse texto, ou outros escritos meus, como material para testes de elenco. Não me incomodo.)

“Quinze cartas pintadas de um tarô vampiro”

Ainda faltam sete histórias dos Arcanos Maiores, e prometi ao artista Rick Berry que um dia vou escrevê-las e ele vai poder pintá-las.

“Comidas e comedores”

Esse conto foi um pesadelo que tive aos vinte e poucos anos.

Adoro sonhos. Entendo o bastante deles para saber que a lógica onírica não é a lógica narrativa, e que raramente dá para resgatar um sonho em forma de história: quando despertamos, o ouro já se transformou em folhas, a seda já virou teia de aranha.

Ainda assim, há coisas que podemos recuperar dos sonhos: o clima, momentos, pessoas, um tema. Mas essa é a única vez que me lembro de ter recuperado uma história inteira.

A primeira versão do conto foi em formato de quadrinhos, com ilustrações do multitalentoso Mark Buckingham. Depois, tentei reimaginá-lo

como o esboço de um filme de terror pornográfico que eu jamais faria (uma história chamada “Devorado: cenas de um quadro em movimento”). Alguns anos atrás, o editor Steve Jones perguntou se eu gostaria de ressuscitar alguma história minha injustamente esquecida para sua antologia *Keep Out the Night*, e me lembrei desse conto, arregacei as mangas e comecei a digitar.

O coprino-barbudo até que é um cogumelo delicioso, mas ele pode deliquescer em uma substância viscosa, preta e desagradável pouco depois de ser colhido, por isso você nunca o verá no mercado.

“Crupe do adoentador”

Pediram que eu escrevesse um verbete em um livro sobre doenças imaginárias (*The Thackery T. Lambshead Pocket Guide to Eccentric and Discredited Diseases*, organizado por Jeff VanderMeer e Mark Roberts). Achei que seria interessante uma doença imaginária que faz a pessoa criar doenças imaginárias. Escrevi a história com a ajuda de um programa há muito esquecido chamado Babble e um exemplar empoeirado, com capa de couro, de um livro que traz conselhos médicos para cuidados com a saúde.

“No fim”

Eu estava tentando imaginar o último livro da Bíblia.

E, por falar em dar nomes a animais, preciso dizer como fiquei feliz ao descobrir que a palavra *yeti*, na tradução literal, pelo visto significa “aquele negócio ali”. (“Ei, valente Guia do Himalaia: o que é aquele negócio ali?”

“Yeti.”

“Ah.”)

“Golias”

“Querem que você escreva um conto”, disse minha agente, alguns anos atrás. “É para sair no site de um filme que ainda não estreou, chamado *Matrix*. Vão mandar o roteiro.” Li o roteiro do filme com interesse e escrevi esse conto, que foi para a internet mais ou menos uma semana antes da estreia do filme, e continua lá.

“Páginas de um diário encontrado numa caixa de sapatos largada num ônibus em algum ponto entre Tulsa, Oklahoma, e Louisville, Kentucky”

Esse foi escrito há alguns anos para o livro da turnê de *Scarlet's Walk*, álbum de minha amiga Tori Amos, e fiquei muito feliz quando ele foi selecionado para uma antologia de “melhores do ano”. É um conto vagamente inspirado nas músicas de *Scarlet's Walk*. Eu queria escrever algo sobre identidade, viagem e os Estados Unidos, como se fosse um pequeno suplemento de *Deuses americanos*, em que tudo, incluindo qualquer resolução, ficava pairando um pouco além do alcance.

“Como falar com garotas em festas”

O processo de escrever um conto me fascina tanto quanto o resultado. Esse, por exemplo, nasceu como duas tentativas distintas (e fracassadas) de escrever o relato de um turista de férias na Terra, pensado para a antologia *The Starry Rift*, que o crítico e editor australiano Jonathan Strahan está preparando. (O conto não está lá. Esta é a primeira vez que ele aparece em uma publicação impressa. Mas espero que possa escrever um outro para o livro de Jonathan.) A trama que havia imaginado não estava funcionando; eu tinha só alguns fragmentos que não levavam a lugar algum. Estava em um beco sem saída, então mandei e-mails para Jonathan avisando que não haveria conto, pelo menos não vindo de mim. Ele respondeu que tinha acabado de receber um conto excelente de uma autora que eu admirava, e que ela o escrevera em vinte e quatro horas.

Irritado, peguei um caderno em branco e uma caneta, fui para o gazebo no fundo do quintal e, no decorrer de uma tarde, escrevi esse conto. Eu o li em voz alta pela primeira vez algumas semanas depois, em um evento beneficente no lendário CBGBs. Era o melhor lugar possível para ler um conto sobre punks e 1977, e saí de lá bem feliz.

“O dia em que vieram os discos voadores”

Escrito em um quarto de hotel de Nova York, na semana em que narrei o audiolivro de *Stardust: O mistério da estrela*, enquanto esperava um carro vir me buscar. O conto era para a editora e poeta Rain Graves, que tinha me

pedido alguns poemas para seu site, www.spiderwords.com. Fiquei feliz de constatar que ele funcionava ao ser lido para uma plateia.

“Ave-solar”

Holly, minha filha mais velha, me disse exatamente o que queria para seu aniversário de dezoito anos. “Quero alguma coisa que ninguém mais poderia me dar, pai. Quero que você escreva um conto para mim.” E então, como ela me conhece bem, acrescentou: “E sei que você está sempre atrasado e não quero que se estresse, então, se conseguir me entregar antes de eu fazer dezenove anos, já está bom.”

Tinha um escritor de Tulsa, Oklahoma (ele morreu em 2002), que, por um período entre o final dos anos 1960 e o começo da década de 1970, foi o melhor contista do mundo. Ele se chamava R. A. Lafferty, e seus contos eram inclassificáveis, curiosos e inimitáveis — bastava uma frase para você saber que estava lendo um conto de Lafferty. Quando eu era jovem, escrevi para ele, e ele me respondeu.

“Ave-solar” foi minha tentativa de escrever um conto *à la* Lafferty, e o processo me ensinou algumas coisas, sobretudo que isso é muito mais difícil do que parece. Holly só o recebeu quando fez dezenove anos e meio; eu estava trabalhando em *Os filhos de Anansi* e decidi que, se não terminasse de escrever alguma coisa — qualquer coisa —, provavelmente ia ficar maluco. Com a permissão dela, o conto foi publicado em um livro de título bastante comprido, muitas vezes abreviado para *Noisy Outlaws, Unfriendly Blobs, and Some Other Things That Aren't As Scary...*, que buscava levantar fundos para o projeto de alfabetização 826 NYC.

Mesmo que você já tenha *Coisas frágeis*, talvez valha a pena obter também um exemplar do livro de título bastante comprido, porque ele tem o conto “Grimble”, de Clement Freud.

“A invenção de Aladim”

Um negócio que acho intrigante (e uso *intrigante* aqui no sentido técnico de *muito, muito irritante*) é ler, como faço de vez em quando, livros acadêmicos eruditos sobre folclore e contos de fadas, que explicam por que ninguém escreveu essas histórias e declaram que a busca pela autoria de contos folclóricos é em si só uma falácia. Esses livros ou artigos passam a

impressão de que todas as histórias brotam do nada ou, no máximo, são reformuladas. E o que penso é que sim, de acordo; mas todas elas começaram em algum lugar, na cabeça de alguém. Porque uma história começa dentro de uma mente — não é um artefato, ou fenômeno natural.

Um livro acadêmico que li explicava que qualquer conto de fadas no qual um personagem dorme tinha origem, obviamente, em um sonho que algum indivíduo primitivo, incapaz de distinguir sonho de realidade, descreveu quando acordou, e que esse era o ponto de partida dos nossos contos de fadas — uma teoria cheia de falhas na própria base, pois as histórias que sobrevivem e são recontadas têm lógica narrativa, não lógica onírica.

Histórias são criadas pelas pessoas que as criam. Se funcionam, são recontadas. Essa é a magia.

A Sherazade narradora era uma ficção, assim como sua irmã e o rei assassino que elas precisavam aplacar noite após noite. *As mil e uma noites* é uma criação ficcional, compilada a partir de diversas fontes, e a história de Aladim propriamente dita é uma inclusão tardia, na obra há apenas alguns séculos pelos franceses. Isso é outro jeito de dizer que, quando ela surgiu, certamente não foi do jeito que estou descrevendo. E no entanto. E contudo.

“O monarca do vale”

Um conto que começou, e existe, devido ao amor que tenho pelas áreas mais remotas da Escócia, onde se entreveem os ossos da Terra, o céu é de um branco pálido, tudo é de uma beleza estonteante, e parece impossível haver lugar mais remoto. Foi bom reencontrar Shadow, dois anos depois de sua história em meu romance *Deuses americanos*.

Robert Silverberg me pediu uma novela para sua segunda coletânea *Legends*. Ele não se incomodava se eu escrevesse uma história de *Lugar Nenhum* ou de *Deuses americanos*. O conto de *Lugar Nenhum* que comecei tinha alguns problemas técnicos (o título era “Como o marquês recuperou seu casaco”, e um dia vou terminá-lo). Comecei a escrever “O monarca do vale” em um apartamento em Notting Hill, onde eu estava dirigindo o curta *A Short Film About John Bolton*, e o terminei em uma intensa maratona de inverno na mesma cabana junto ao lago em que escrevo esta introdução. Minha amiga Iselin Evensen, da Noruega, me contou histórias sobre as *huldra* e corrigiu meu norueguês. Como “Bay Wolf”, de *Fumaça e espelhos*, esse conto foi in-

fluenciado por *Beowulf*. Ao terminar de escrevê-lo, tinha certeza de que o roteiro de *Beowulf*, que havia escrito para e com Roger Avary, jamais seria produzido. Eu estava errado, claro, mas aprecio o abismo que existe entre a mãe de Grendel no filme de Robert Zemeckis, interpretada por Angelina Jolie, e a versão da personagem que aparece aqui.

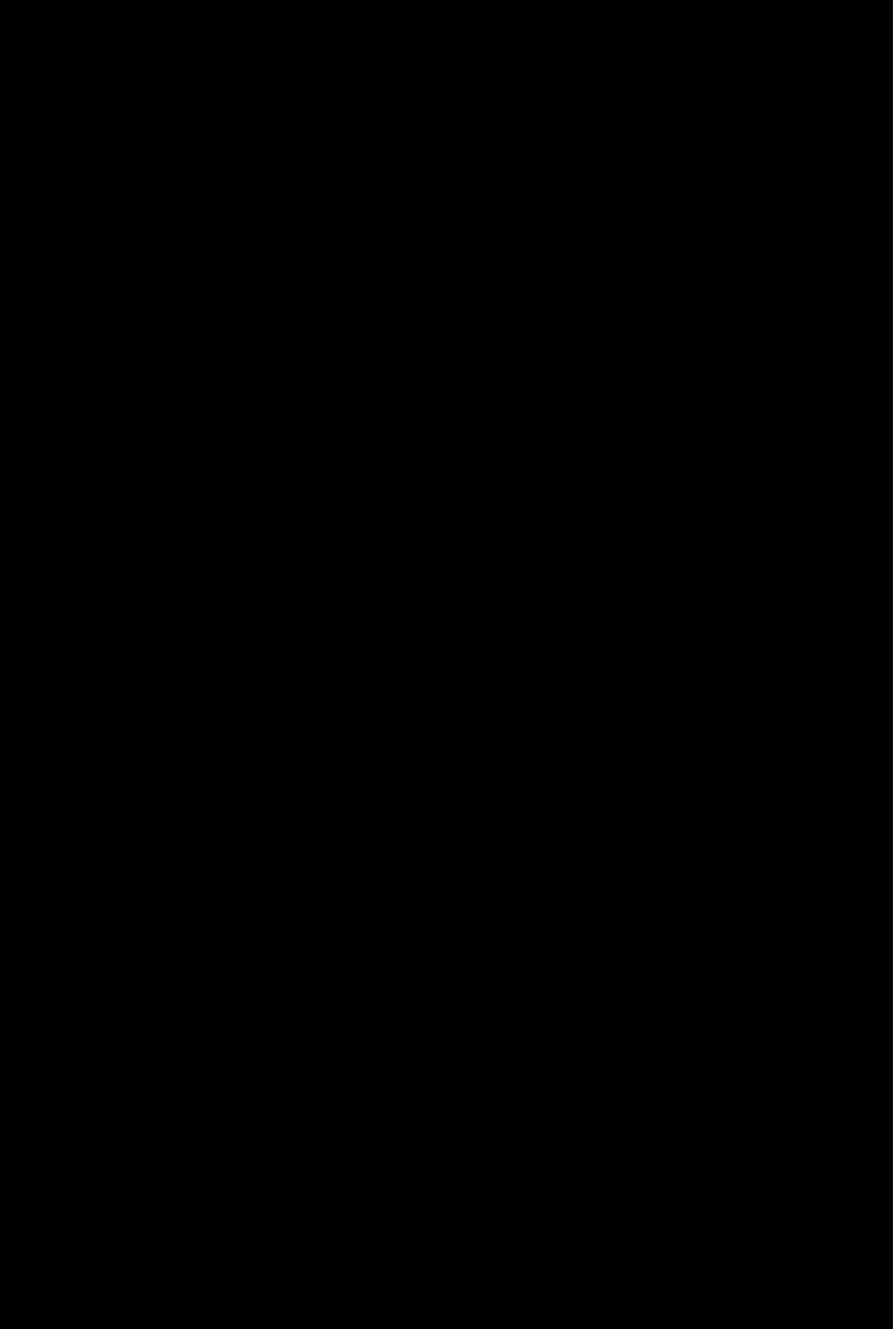
Quero agradecer a todos os editores dos diversos volumes em que esses contos e poemas apareceram pela primeira vez, e especialmente a Jennifer Brehl e Jane Morpeth, minhas editoras nos Estados Unidos e na Inglaterra, pela ajuda, pelo apoio e, sobretudo, pela paciência, e à minha agente literária, a formidável Merrilee Heifetz, e sua trupe espalhada pelo mundo.

Enquanto escrevo esta introdução, me ocorre que a peculiaridade da maioria das coisas que consideramos frágeis é que, na verdade, elas são muito fortes. Quando éramos pequenos, fazíamos truques com ovos para demonstrar que, na realidade, eles eram pequenos salões de sustentação feitos de mármore; e, pelo que dizem, o bater das asas de uma borboleta, no lugar certo, pode criar um furacão do outro lado do oceano. Corações podem ser partidos, mas o coração é o músculo mais poderoso do corpo, capaz de passar uma vida inteira bombeando, setenta vezes por minuto, praticamente sem pestanejar. Até um sonho, a mais delicada e intangível de todas as coisas, pode ser incrivelmente difícil de matar.

Histórias, assim como pessoas, e borboletas, e ovos de pássaros canoros, e corações humanos, e sonhos, são também coisas frágeis, criadas a partir de um mero conjunto de vinte e seis letras e alguns sinais de pontuação. Ou são palavras ao vento, compostas de sons e ideias — abstratas, invisíveis, desaparecendo no instante em que são faladas —, e o que poderia ser mais frágil que isso? Mas algumas histórias, pequenas e simples, sobre aventuras ou pessoas fazendo coisas incríveis, relatos de milagres e monstros, duraram mais que todas as pessoas que as contaram, e algumas duraram mais que as terras onde foram criadas.

E, embora eu não acredite que isso vá acontecer com qualquer uma das histórias deste livro, é bom reuni-las, dar-lhes um lar, para que possam ser lidas e lembradas. Espero que você goste de lê-las.

Neil Gaiman
No primeiro dia da primavera de 2006



Há poucos escritores que sabem contar histórias com o brilhantismo de Neil Gaiman. E quando a vida se impõe, ele não tem receio de rever seus planos de escrita — e de se apropriar do que lhe escapou. Pois, como afirma na introdução do livro, “as pessoas se despedaçam com muita facilidade, assim como sonhos e corações”. É o que vamos conhecer ao nos deixarmos imergir em *Coisas frágeis*.

Um circo itinerante choca a plateia com uma apresentação incomum antes de desaparecer na noite, levando um dos espectadores. Em uma Inglaterra vitoriana peculiar, um inspetor precisa solucionar um misterioso assassinato na realeza. Adolescentes entram por acaso em uma festa e conhecem as garotas de seus sonhos — ou talvez saídas de seus piores pesadelos. Dois anos após os acontecimentos de *Deuses americanos*, Shadow se vê em um antigo casarão escocês, preso a um jogo de vida, morte e monstros.

Essas e outras histórias estão reunidas no livro, composto por trinta e uma preciosidades literárias em prosa e verso, esculpidas por Neil Gaiman. De forma magistral, as tramas da obra transitam entre horror e humor sombrio, doçura e crueldade, trazendo cenários conhecidos dos leitores, como o conto “Como falar com garotas em festas”, e visitando universos inesperados, como os contos de fadas, *Matrix*, a *Bíblia*, além dos criados por Arthur Conan Doyle e H.P. Lovecraft.

Ao desafiar os limites da imaginação, sondar as profundezas da experiência humana e revelar como, inexoravelmente, ordinário e fantástico se entrelaçam, em *Coisas frágeis* Neil Gaiman evidencia o que o tornou um dos escritores mais originais de seu tempo. Pela primeira vez em volume único no Brasil, a coletânea vencedora do Prêmio Locus conta com tradução inédita assinada por Leonardo Alves e introdução do autor.

SAIBA MAIS:

<https://intrinseca.com.br/livro/coisas-frageis/>